

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO INSTITUIÇÕES EM ANÁLISE**

FERNANDA ROCHA DE AGUIAR

**A RUA, A PERCORRIDA e O CORPO CARTEIRA
EM BUSCA DE UMA GESTÃO MENOR**

**Porto Alegre
2014**

FERNANDA ROCHA DE AGUIAR

**A RUA, A PERCORRIDA e O CORPO CARTEIRA
EM BUSCA DE UMA GESTÃO MENOR**

Monografia apresentada para obtenção
do Certificado de Especialização pelo
Curso de Análise Institucional do
Departamento de Psicologia Social e
Institucional da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul

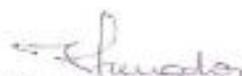
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Gomes

**Porto Alegre
2014**

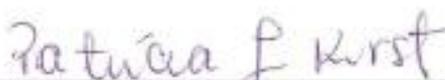
**A RUA, A PERCORRIDA E O CORPO CARTEIRA EM BUSCA DE
UMA GESTÃO MENOR**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Análise Institucional, sob orientação da Professora Doutora Patrícia Gomes.

APROVADA: 27/02/2015



Prof.^a Dr.^a Fernanda Spainer Amador
Coordenadora do Curso de Especialização em Análise Institucional
(UFRGS)



Prof.^a Dr.^a Patrícia Argollo Gomes Kirst
Orientadora
(UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Ao amor e apoio incondicional da minha família núcleo, Flávio, Luiza e Flávia.

À querida Patrícia Gomes, amiga e orientadora, pela inspiração e denso saber.

Aos colegas e professores da formação que me apresentaram a análise institucional e seus encantadores desdobramentos.

Aos colegas carteiros e sua capacidade única de mover o mundo a partir de seu próprio corpo, e por isso ser passagem para a entrega de esperança, felicidade, compromisso, desejos e necessidades aos milhares de habitantes desse planeta.

EPIGRAFE

Por que uma carta?

Há tantos modos de pensa-la, na mesa, marcada, branca, aberta, confidencial, magna, de alforria, Enfim, o que é uma carta? Por que escrevê-la?

Embora uma carta tenha também seus mistérios, encantos e exigências, escreve-se, sobretudo, para alguém distante. E como pensar essa distância senão como uma impossibilidade, mais ou menos provisória, quanto ao espaço e o tempo?

Distâncias há, no entanto, que não se vencem com o passar das horas, pelo uso das engenhocas destinadas a reduzir os tempos e os espaços da natureza. Os sociólogos sabem e os antropólogos também, até os economistas, que há distâncias que concernem à cultura, à classe social, à religião, à idade, à cor. Formas tradicionais de dominação, em qualquer lugar, sob várias alegações.

Embora não se possa pressupor ingenuidade, se uma carta configura-se, às vezes, como enigma para quem a recebe, ela é sempre um risco para quem a escreve: existira um bom transporte que a leve intacta a seu destino? Chegará a tempo e oportunamente? Encontra a colhida?

Porque toda a carta tem a esperança de um gesto, um fato, um ato que a desate e que a faça existir.¹

E a faça ser entregue.

¹ FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de Março de 1976. Em Defesa da Sociedade. São Paulo: Ed. M Fontes, 1999.

RESUMO

A partir da minha experiência enquanto gestora dos Correios, propus-me experimentar outro lugar no processo de distribuição de cartas, que não o de gestora, mas sim o de carteira, a fim de produzir esta escrita escuta. Pude então adentrar nesse universo, caminhando pelas pistas da cartografia, com engajamento, sem a análise de relatórios ou de planilhas estatísticas, mas seguindo os passos da rua. A rua fez-me sentir, o que pode o corpo na distribuição de correspondências. Assim, deparei-me com o a desterritorialização do meu lugar de gestora - como se vivesse o drama, uma necessária passagem. A rua ofereceu uma realidade viva, sem os balizadores da norma, e por isso encontrei a gestão menor como meu maior conceito. Pude em momentos especiais dar adeus à gestora, e foi bem-vinda carteira, misturando meu passado e presente. Nesse momento fez-se presente meu devir-carteira. Vivi inéditas reflexões sobre o trabalho, sobre a gestão e sobre a entrega que aqui entrego ao leitor.

Palavras chave: território; gestão menor; devir-carteiro.

ABSTRACT

From my experience as manager of the Post Office, I set out to try elsewhere in the card distribution process , not the management , but the portfolio in order to produce this writing listening . So I could enter this universe , walking the slopes of cartography, with engagement without the analysis of reports or statistics spreadsheets, but following the steps of the street. The street made me feel , what can the body in the distribution of mail . So , I came across the the dispossession of my place of management - how to live the drama, a necessary passage . The street offered a living reality , without the guide for the standard, and therefore found the lowest management as my greatest concept . Could in touch to say goodbye to the management , and was welcome portfolio , mixing my past and present. At that moment presented itself becoming- my portfolio. Vivi unpublished reflections on the work on the management and the delivery that deliver here the reader.

Keywords: territory; lower management; becoming- postman

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| EPÍGRAFE | 6 |
| SUMÁRIO..... | 9 |
| INTRODUÇÃO E A INTERLOCUÇÃO PARA UM PONTO DE PARTIDA..... | 10 |
| PRIMEIRA PARTE – VIVER UM ENCONTRO, ESCUTAR UM TERRITÓRIO | 15 |
| PARTE DOIS, A PARTE PAR – POR UMA GESTÃO MENOR..... | 21 |
| O DESFECHO DAS PARTES – O DEVIR CARTEIRO | 25 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 34 |
| ANEXO 1- DIÁRIO DE BORDO – O TEXTO NU DO DEVIR CARTEIRO..... | 36 |

INTRODUÇÃO e a interlocução para um ponto de partida.

O ponto de partida é sempre um grande desafio, pois propõe que saíamos de um lugar, como se fôssemos começar um desenho na folha em branco: habitamos o vazio, demarcamos novos pontos de fuga, rabiscamos outras perspectivas. Um ponto de partida pressupõe deslocar-se de um espaço, de certo cais do porto, uma estação de trem, para compor uma trajetória e inventar outro espaço. É um começo que não espera necessariamente um fim, mas acompanha o instante do “entre” que nos faz diferentes, que nos faz ser a própria experiência.

Esse ponto de partida inicia-se com uma escrita – escuta, escuta corpos. Tem como pontos de fuga e retornos a imensidão da própria experiência, a partir da vivência do estar “com”.

Trata-se de um relato de experiência profissional, quando ao descrever e sinalizar os acontecimentos decorrentes da vivência de ser carteiro, nas ruas, nos chamados logradouros, para viver uma então experiência compondo sujeito e objeto. Para Deleuze (2013) “a indignidade de falar pelos outros. [...] a teoria exige que os envolvidos falem, doravante, pode-se dizer, praticamente por conta deles mesmos”.

A produção do acontecimento “ser carteiro” origina-se na entrega do corpo. Pelbart (2007) evidencia que temos o poder de afetar e de sermos afetados e o quanto isso pode ser é sempre “uma questão de experimentação”. Na verdade, nunca sabemos o que pode o nosso corpo, aos poucos vamos aprendendo a selecionar o que lhe convém, o que o faz resistir, agir, existir, um composto do que produzem nossos encontros. E de fato, ser uma carteira por um tempo convinha a esse corpo de experiência e era um chamamento, advindo de uma saturação em ordenar lá de cima, querendo ou não, na verticalidade dos que colocam as cargas na rua. Queria andar, entregar e saber mais sobre as alegrias e agruras da operação.

Não sabemos ainda o que pode o corpo, vamos aprendendo a selecionar o que convém (...). Vamos aprendendo a selecionar nossos encontros e a compor, é uma grande arte. A tristeza é toda paixão que implica uma diminuição de nossa

potência de agir; a alegria, toda paixão que aumenta nossa potência de agir.
(Deleuze apud Pelbart 2007).

A intervenção desse corpo promoveu, na experiência, algumas expectativas que se delineiam aqui como objetivos. Primeiramente, discorremos sobre um macro objetivo desse ensaio: experimentar a trajetória existente entre a gestão e os modos de ser carteiro na rua.

Para que essa trajetória fosse vivenciada, discorremos sobre três aspectos que permeiam o eixo dessa experimentação:

- a) Habitar um território;
- b) Propor a busca por uma gestão menor;
- c) Propulsionar o devir carteiro;

Importante afirmar que essa escrita – escuta pretende produzir agenciamentos. Podemos encontrar em Deleuze (1996) a explicação de tal conceito:

(...) O que é um agenciamento? É uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos e que estabelece ligações, relações entre eles, através das idades, sexos, reinos - de naturezas diferentes. Assim, a única unidade do agenciamento é o co-funcionamento: é a simbiose, uma "simpatia". (DELEUZE, 1996, p.84)

É, portanto, “a unidade real mínima, não é a palavra, a ideia ou o conceito; nem o significante, mas o agenciamento”. O agenciamento produz os enunciados. E estes, por sua vez, resultam em potência em nós e fora de nós. Assim, estivemos agenciando o interim entre a gestão e o coletivo que faz e refaz, a tal de gestão, como invenção de um espaço de afetação de minha presença entre meus parceiros de jornada nos CORREIOS.

“(...) o enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, as populações, as multiplicidades, os territórios, os devires, os afetos, os acontecimentos. O nome próprio não designa um sujeito, mas qualquer coisa que se passa, pelo menos entre dois termos que não são sujeitos, mas agentes, elementos. (DELEUZE 1996, p.65).

Para tanto, vivemos a experiência do carteiro e sentimos a experimentação de adentrarmos em outra pele, outra superfície temporária, pontual e definitiva, no suor da entrega no prazo.

Interessou-nos cair e atacar os afetos possíveis dessa experiência! A partir da cartografia desses afetos, foi possível mapear um (novo) conceito. Essa tônica nos remeteu a Johnny Alvarez e Eduardo Passos (2009):

Uma vez na ocasião de uma roda festiva (...) decidimos encontrar um cabrito e mata-lo para construirmos nosso instrumento de percussão. Faz parte do aprendizado do capoeirista a construção de seus instrumentos. (...) sacrificamos o animal, separamos o couro e a carne, e , no caminho de volta, passamos na casa onde a mãe de santo do Mestre Carlão realiza seus cultos, deixando o couro pra ela preparar e secar. (...) Até hoje, e lá se vão uns oito anos, o couro desse cabrito continua cantando no atabaque de nosso Mestre, em seu grupo Kabula sediado em Londres, Inglaterra. (p. 136-137).

Os autores descrevem esse processo de aprendizagem como um processo de engajamento, uma vez que o aprendiz cartógrafo penetra nesse campo numa “perspectiva de composição e conjugação de forças. Constrói-se o conhecimento com e não sobre o campo pesquisado.”.

Mas se um dançarino vivesse essa experiência, certamente os afetos seriam diferentes dos possíveis a serem vividos por um burocrata (!). O burocrata terceiriza a ação alheia, não se deixa cair, não suporta a vertigem de misturar-se ao sangue e retirar dali sua vida.

É por isso que a cartografia propõe reverter o método... “um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. (...) não se abre mão do rigor, mas esse é resignificado.” (PASSOS et.al 2012). A cartografia é a criação do próprio método.

Mas não é suficiente apenas engajar-se no campo territorial em que a pesquisa se realiza. Essas transformações propostas não se concretizam se o aprendiz-cartógrafo não se posicionar junto ao campo, em composição com ele. A atitude do cartógrafo é fundamental, para que componha a pesquisa e pressuponha implicação.

A partir desse método, a proposta foi de escutar os lamentos, o som dos passos, a chegada aos endereços e deixar-nos afetar pelos ofícios que ainda eram inabitados, mas conclamavam: “Vem pra rua!”

Uma busca implacável de *pesquisar na diferença*, pois “pesquisar não tem mais a ver com saber sobre, se trata de saber com. Habitar um estado de coisas, seus trajetos possíveis, seus impossíveis subtrair o que insiste e produzir com. Operar por subtração (...)” (FONSECA et. al 2012).

Para Esther Magalhães (2012), em *Pesquisar na Diferença*, o verbete escutar nos remete em “escutar como se deve, para que possamos receber a palavra endereçada, é fundamental a economia de gestos e palavras, um silêncio ativo e um certo recolhimento.”.

A escrita que se propôs nessa pesquisa cartográfica foi de silêncio ativo, pois não foram usadas entrevistas ou formulários, não nos colocamos a ouvir os carteiros, mas a escutar nosso próprio corpo a serviço daquela jornada.

Estar na rua é o acontecimento, querendo encontrar os modos de ser carteiro, encontramos a rua, e o método de pesquisa foi produzido.

A primeira parte desse trabalho apresentará a escuta do território de ser carteiro e da própria rua, sem a ênfase de um campo hipotético, com as formalidades possíveis e hierárquicas da gestão. Pelo contrário!

Escutar e habitar esse território pressupõe uma desterritorialização do habitat comum, para então viver o drama, a cena, a partir de um corpo. E como não remeter-se às conexões de Denise Santana (2001) quando menciona que as fronteiras territoriais de um corpo podem ser completamente rompidas a partir da sua exploração, da sua entrega. Uma problemática a ser erguida: “o que pode o corpo na rua?”.

Neves (2014) nos remete ao conceito de interrogar para aprofundar a discussão metodológica, já que escrevemos – segundo Deleuze – no limite de nossa ignorância, do que não sabemos. Onde nosso saber e nossa ignorância se tocam, há a fronteira do impensado. É preciso “suspeitar da naturalidade dos objetos, das relações, das formas de ser; estranhar o cotidiano e suas obviedades inquestionáveis, exercício crítico do olhar implicando deslocar do habitual e desfocar, duvidando daquilo que se vê.” (FILHO, 2012).

Na segunda parte estimamos encontrar eco na reflexão de Kafka junto à Deleuze e Guatarri (1977) ao pensar em uma gestão menor, mais próxima do real, com o importante esforço do pensamento. Comparamos, portanto, a literatura menor à gestão menor, na

perspectiva do que ocorre na rua, na percorrida, na vida que corre o diário, a nano parte de um todo.

Descobriremos, então, o cheiro e o gosto da percorrida, sua sombra e sua lógica (des)montada. Na gestão menor há, sem dúvida, um “fora” para o território, uma micropolítica a ser investigada.

Encontraremos Foucault (1975) nos embates entre a gestão menor e a gestão imposta, estabelecida nas relações de poder entre dominadores e dominados.

Por fim, a última parte dessa abordagem pressupõe o grande fecho de toda essa temática: apropriar-se do devir carteiro. Os agenciamentos possíveis dessa experiência escrita-escuta.

Deleuze e Guacari (2007) referem-se aos agenciamentos como algo a se compor na experimentação do instante, nas estratégias inventivas, a partir de um desejo de. E desejamos ser carteiros, agenciar o corpo na percorrida e nos territórios inabitáveis até então.

Segundo um primeiro eixo, horizontal, um agenciamento comporta dois segmentos, um de conteúdo, outro de expressão. De um lado ele é agenciamento maquínico de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; de outro, agenciamento coletivo de enunciação, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas atribuindo-se aos corpos. "Mas, segundo um eixo vertical orientado, o agenciamento tem ao mesmo tempo lados territoriais ou reterritorializados, que o estabilizam, e pontas de desterritorialização que o impelem." (DELEUZE, 1977, p. 112).

Nessa trajetória, o devir carteiro também nos convoca a pensar no paradigma do tempo, do prazo de entrega, sempre tão linear movido pela contagem regular do *Cronos*. O ambiente perfeito para o resto de objetos, porque algo sobra, um objeto, uma bolsa, uma rua, um alguém. A quem pertence esse resto?

A rua é um acontecimento. Para Deleuze (2000), em “todo acontecimento, há de fato o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa, aquele que é designado quando se diz: pronto, chegou a hora; e o futuro e o passado do acontecimento só são julgados em função desse presente definitivo, do ponto de vista daquele que o encarna.”.

Primeira parte – VIVER UM ENCONTRO, ESCUTAR UM TERRITÓRIO

A partir da vivência de carteiro, mergulhamos na operação de Correios, em uma Unidade Operacional, tendo como experimento o afastamento das formalidades e da necessidade de comprovar verdades. Não foi, portanto, um campo hipotético, mas um campo ampliado, de análise, com o encontro entre o corpo da gestora e o que ele estava se tornando a partir dos corpos dos carteiros.

Para Denise Santana (2001), quanto mais se explora o corpo, mais ele se torna infinito, rompem-se as fronteiras territoriais. O corpo não é mais uma unidade, mas um elo entre os corpos. Um corpo coletivo, indivisível, uma transa, um transporte, um transtorno.

Para viver esse encontro, adentramos na produção de uma realidade de carteiro, tendo como atividade e campo de experimentação a entrega domiciliária de objetos nas residências do município de Gravataí/RS.

Ao colocar os sentidos em contato com o mundo, percebemos a amplitude daquela situação:

Quando me apresento na Unidade, na “casa” de tantos carteiros, antes do início das atividades, há certa inquietude do grupo. As múltiplas implicações daquele momento aflorando. Estranharam-se e fui estrangeira. (a autora, 2014)

Não era mais a Fernanda-gestora e nem a Fernanda carteiraira, mas um corpo de passagem, um ente mestiço, distante de qualquer chance, de neutralidade.

Ao receber a bolsa para sair para a entrega, é preciso pesá-la e definir o peso físico sobre o corpo. É inevitável pensar sobre o que pode o corpo:

[...] o corpo – e tudo que diz respeito ao corpo, a alimentação, o clima, o solo – é o lugar da herkunft: sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito. (FOUCAULT, 1993, p.22)

Como diria David Lapoujade (2011), a questão “que pode o corpo?”, se refere não à atividade do corpo, mas à sua potência. Não se trata, portanto, de mensurar uma atividade mas os atos que é capaz. O autor ainda permite a reflexão:

Mas, podemos interrogar a potência do corpo sem invocar o ato que exprimirá esta potência? Como não examinar a questão a partir da distinção aristotélica

clássica entre a potência e o ato? Segundo esta concepção, a potência é concebida como um ato virtual ou possível, e o ato, por sua vez, é concebido como uma potência atualizada, quer dizer, como uma forma determinada. É o que ilustra o exemplo clássico do artesão, do oleiro que age a forma do vaso na matéria da argila, ou o do atleta, que age o ato da corrida em um corpo que possui a potência. Consequentemente, é depois do ato, ou melhor, depois do agente, que a potência é revelada como tal. Neste sentido, a questão sobre o potencial do corpo parece inseparável de uma resposta que afirma de direito a superioridade do ato – e, portanto, do agente – em relação à potência do corpo. (LAPOUJADE, O corpo que não aguenta mais, 2011).

Nessa entrega sentimos o peso que os corpos dos carteiros carregam e agora nesse corpo que experimenta.

Há o chamado de sentir-se a própria carteira, o desejo de ser igual, de pertencer. Baremlitt (1996) considera que as forças psíquicas mobilizadas para as escolhas são determinadas pelo inconsciente, mais especificamente pelo desejo. O institucionalismo parte do mesmo conceito, mas diferente da psicanálise freudiana, o desejo pode ser satisfeito a todo o momento nas circunstâncias sociais, transformando-se continuamente.

O desejo no Institucionalismo não tem essas peculiaridades. O desejo do institucionalismo é imanente à produção, é o aspecto psíquico da mesma força que no social é o instituinte. É uma forma que tende a criar o novo, como o imprevisível, é uma força de conexão, é uma força de invenção e não é uma força restauradora dos estados antigos. (BAREMLITT: 1996, p. 49-50)

Está tudo organizado, em “amarrados” para que possamos começar a entregar as correspondências desde a primeira rua. Há uma ordem para essa lógica da organização do trabalho, de forma que cada pilha de correspondências esteja de acordo com a disposição da rua e – pasmem– a partir daí é possível caminhar no sentido da rua, de maneira a ter o menor tempo possível de caminhada e, é claro, o máximo de entregas. Estratégias tayloristas de rapidez e divisão lógica para que haja mais rapidez e menos movimentos. Há um parâmetro para ruas, é preciso percorrê-las no sentido “L” ou “U”.

Então, logo entendemos que a caminhada não é livre. Não há uma arbitrariedade na ida das ruas e sim um *modus operandi* definido. Entendemos a expressão antiga dos Correios “vai que as cartas te levam”. Levam mesmo. E o esforço em pensar? Não há muito o quê pensar, a ordem exposta em minhas mãos já era a ordem da rua, das casas, quando me via, já estava dobrando as esquinas.

“Existem momentos na vida em que a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir”. (FOCAULT, 1994, p. 13)

Imaginamos sobre como seria o “pensar de outro modo”, o desmontar da lógica estabelecida, sem necessariamente ter certeza de onde se chegará. Crítica é também o nome que se dá para o “pensar de outro modo”, para Foucault (2006, p. 180):” a crítica consiste em desentocar o pensamento e em ensaiar a mudança; mostrar que as coisas não são tão evidentes quanto se crê, fazer de forma que isso que se aceita como vigente em si não o seja mais em si. Para ele, sempre vale a pena o esforço, pois “a crítica —e a crítica radical— é absolutamente indispensável para qualquer transformação.”

Trata-se de nos desfazermos da imagem de um pensamento que se esforça e se corrige para encontrar a verdade. Queiroz (1999) estudando Foucault (1968) acentua que é o paradoxo que incita a mudança, o percurso do pensamento não é calmo, nem tranquilo. Deparando-se com uma dificuldade construída por ele próprio, o pensamento se debate, passa por abalos e sismos até que uma saída, uma "emergência diferencial", é encontrada. Do encontro não vem o repouso, mas a abertura de novas vias de exploração; os caminhos, porém, não conduzem a nenhum lugar prévio, nem estão para sempre abertos: ainda uma vez, o pensamento pode se descobrir enclausurado e silenciar.

Na experiência de ser carteiro, o sol estava quente e a percorrida, termo técnico para explicar o tempo que um carteiro anda pela rua, segue em pleno vapor. As casas, nessa parte do distrito (outro termo técnico) estão com a numeração adequada e a rua é asfaltada, entregamos cada correspondência nas caixas suspensas em portões e grades. Novamente encontramos Denise Santana (2001) que nos diz que somos e temos um corpo sempre de passagem. Então, um corpo de percorrida!

Há a sensação de domínio da situação. Estamos conseguindo. Cada etapa vencida nos dá a certeza de que aos poucos, cada parte de quem experimenta é um carteiro naquela hora.

Esta decisão de realizar a percorrida coincide com a proposição de Neves (2005), as normas institucionais são relativizadas, de acordo com o “grau de proximidade” entre aquele que deve zelar para que ela seja cumprida, e aquele a quem ela será dirigida em determinado momento. “Ou seja, aos critérios objetivos que definem as normas institucionais somam-se critérios subjetivos, baseados em relações sociais e pessoais, e ainda diríamos políticas”.

Há nesse aspecto, a intenção de habitar esse território existencial para um novo olhar sobre a obra de Deleuze e Guattari (1997), espécie de “pais” desta terminologia, concebida principalmente através da obra *O Anti-Édipo* (publicado originalmente em 1972) e desdobrada, sobretudo em *Mil Platôs* (1980) e *O que é a filosofia?* (1991).

A partir da proposta de Deleuze e Guattari, pensamos a territorialização e a desterritorialização como processos concomitantes, fundamentais para compreender as práticas humanas. O problema concreto que se coloca é o de como se dá a construção e a destruição ou abandono dos territórios humanos, quais são os seus componentes, seus agenciamentos, suas intensidades.

Dessa forma, quando discutimos a desterritorialização, questionamo-nos sobre qual o problema que queremos resolver é o primeiro passo para a construção dos conceitos e do próprio pensamento. Por trás de todo o debate teórico, aqui privilegiado, está a crescente difusão das questões ligadas ao que vulgarmente se denomina “o fim dos territórios” ou, mais amplamente, o enfraquecimento da dimensão espacial na vida social.

No *Abecedário* de Gilles Deleuze (2001), a questão da filosofia enquanto criação de conceitos é amplamente discutida pelo filósofo, dando um enfoque especial ao ritornelo.

Criamos ao menos um conceito muito importante: o de ritornelo. Para mim, o ritornelo é esse ponto comum. Em outros termos, para mim, o ritornelo está totalmente ligado ao problema do território, da saída ou entrada no território, ou seja, ao problema da desterritorialização. Volto para o meu território, que eu conheço, ou então parto, saio do meu território? (DELEUZE, 1997).

Por exemplo, a gestora sai a percorrer distritos, proporcionando-lhe a chance de posicionar-se in loco e, quem sabe, mais perto, vivendo um outro território, perto do corpo escrita-escuta. Fernanda carteira, no presente intenso de ir contra a maré das normas separação dos corpos de forma vertical: aí sim é possível habitar o vazio.

Para reteriorrizar-se é preciso desterritorizar-se. “Trata-se, portanto, de uma fuga que sempre faz retornar, que sempre retoma o punhadinho de terra necessário, a cantiga, o tralalá, mas aquilo que retorna sempre se mostra como estrangeiro, pois mesmo que se volte para a casa, não se será mais o mesmo – a estrangeiridade se dá por esta impossibilidade de um reconhecimento pleno na retomada, afinal de contas, ela nunca será a mesma (COSTA, s/d)”.

A desterritorialização absoluta refere-se ao pensamento, à criação. Para Deleuze e Guattari o pensamento se faz no processo de desterritorialização. Pensar é desterritorializar. Isto quer dizer que o pensamento só é possível na criação e para se criar algo novo, é necessário romper com o território existente, criando outro (DELEUZE e GUATTARI, 1991).

De dois elementos ou movimentos de desterritorialização, o mais rápido não é forçosamente o mais intenso ou o mais desterritorializado. A intensidade da desterritorialização não deve ser confundida com a velocidade de movimento ou de desenvolvimento. De forma que o mais rápido conecta sua intensidade com a intensidade demais lento, a qual, enquanto intensidade, não o sucede, mas trabalha simultaneamente sobre um outro estrato ou sobre um outro plano. (DELEUZE e GUATTARI, 1991:41).

“Ora se organiza o agenciamento, se traça um território em torno do ponto, do centro. Com um centro, um crivo ou ponto no caos, tem-se a segurança mínima para que um território possa ser constituído. A busca não se dá mais por um ponto, pela única e repetitiva cançãozinha, mas sim pela construção de um espaço dimensional a ser habitado (território que se dá ao redor do ponto). Trata-se de um espaço íntimo, onde as forças do caos são mantidas numa exterioridade, criando condições para que a tarefa possa ser cumprida, para que uma obra seja realizada. Este é o segundo aspecto do ritornelo, seu componente dimensional. Aqui os ritornelos estão mais a serviço de criar e consolidar o território, já que se tem a segurança mínima para que alguns “motivos territoriais” possam ser empregados.” (DELEUZE, 1997).

A rua termina e há poucas cartas nessas mãos. Como de “costume” o braço é erguido para colocar as cartas na caixinha e simultaneamente um enorme cachorro pulou ao encontro desse antebraço. Essa cena seria mais comum do que se poderia supor. As caixas de correspondências são colocadas exatamente na altura do salto de um cão. (Isso também parece um trabalho padronizado!).

Novamente é uma questão de corpo e território. Medo. Estava sendo expulsa daquele espaço.

A escuta desse território pertence a uma pequena experiência foucaultiana. Como não pensar nas relações de poder estabelecidas no funcionamento da gestão e do grupo de subordinados? Pela posição que se ocupa nessa organização, a preocupação latente nas

manifestações das pessoas era de que esse ato seria um ato de vigiar, o que não estivesse vinculado ao padrão. É para pensar, a suposta e eterna dialética do poder, de um lado uns, de outro lado os outros. Tal analisador faz vínculo e conexão com outros cenários: as greves, o movimento sindical, os carteiros se atirando na frente dos carros para parar as entregas, da força de exercito que quer mais e de fato pode tanto!

(Para Foucault (1975) o poder é uma relação de forças imanentes materializadas em práticas, técnicas e disciplinas, diversas e dispersas, presentes em todo o campo social, envolvendo igualmente dominadores que querem dominar) e dominados (que não querem ser dominados). Assim, o aspecto que importa nessa análise, pontualmente, se concentra nos efeitos da relação saber/poder relativos aos modos de subjetivação.

Parte dois, a parte par – POR UMA GESTÃO MENOR

A parte par é a parte que faz encontrar duas abordagens importantes da visão gestão. Por um lado, a gestão macro, estratégica, da linha do horizonte, do planejamento. Por outro, a gestão menor, mais real, mais operacional e vivida. A gestão menor foi inspirada da literatura menor.

Ao trilhar os caminhos que elegeram esse conceito, foi possível encontrar Deleuze e Guatarri no livro Kafka (1977) uma abordagem, a qual invariavelmente pode ser remetida à reflexão do entendimento de “menor” como uma nano parte, que se encolhe não por ter menos relevância que o todo, mas por estar mais próxima do real. Quase uma partícula da verdadeira do que se pode chamar de ação.

Os autores anunciam que “a principal questão a ser discutida então é: como a literatura intervém.”.

Apropriam-se, portanto, da desconstrução da imagem tradicional de certo esquema formal paternalista que admitia “uma literatura “aqui” que se dirige a uma realidade “aí”, de um autor que sabe melhor em relação aos leitores que precisam ser salvos de sua ignorância e alienação.”.

Eis que se ergue na fixação paterna a ponte conectiva com a gestão, que está aqui e dirige-se a um subordinado ali, da qual farei a partir de agora minhas estratégias de fuga e resistência.

A comparação de uma literatura menor a uma gestão menor enuncia-se na perspectiva de que o que ocorre na rua, na percorrida, na vida dos passos e das calçadas, ou da ausência delas é como o que ocorre quando uma literatura menor que não emana de “um ‘eu’ autor”, mas renasce de uma esfera íntima, de caráter experimental.

Ao pensar na gestão menor não se espera “salvar” os trabalhadores de sua “condição”, mas da própria alienação que pode ser alterada quando estamos aqui e ali. Aqui como gestão e ali como percorrida.

Em outras palavras, poderíamos dizer que não se trata, para Deleuze e Guattari (1997) “de compreender os textos literários nem de interpretá-los e procurar o que significam, mas de descobrir como funcionam”:

(...) uma literatura menor, opera uma outra concepção de realismo em que a realidade é entendida enquanto agenciamento, ou seja, enquanto sentido trata-se aqui de uma

reformulação do que entendemos por política e por realidade. (SCHOLLHAMMER, p.60)

Para descobrir como é a percorrida, qual seu cheiro, seu gosto, sua sombra, o calor e o frio, é preciso desmontá-la. Na literatura menor a escrita desterritorializa o autor, em prol da subjetividade latente. Na gestão menor há também um “fora” para o território, com a uma política minoritária da gestão, num contra fluxo, para fora de seu gabinete e de suas realidades intencionais, hierárquicas e formais.

Preciso, para tal, desmontar também a gestão, oriunda dos modelos de organizações ditas contemporâneas, tão descendentes de um modelo taylorista-fordista, que reforça a necessidade de ocupação das posições dos “iluminados controladores dos processos de mercado, os que pertencem à irmandade dos ganhadores globais com seus sorrisos cínicos” (Grupo Krisis, 2003, pp.19-20); pela conexão ao movimento acelerado dos fluxos de capitais, que acaba por lançar uma parcela dos humanos nas fileiras, cada vez menores, dos gerentes operadores dos processos de produção e prestação de serviços.

Desmontar a máquina da gestão uma vez que não estou mais à parte, alheia ao objeto, agora eu própria sou o objeto, uma entrega do corpo entregando aqui e acolá, que avança, mistura-se, não é mais o mesmo, pertence à outra dimensão, mistura presença e abandono. Um adeus gestora, bem-vinda carteira, entre passado e presente.

É nessa operação que se apagam as interpretações verticais que definiam o desempenho do carteiro, sentimos o esforço. Não se trata mais da concepção dual-binária entre o gestor e o carteiro, mas de agenciar um olhar o mais real possível.

“Menor” é aquela prática que assume sua marginalidade em relação aos papéis representativos e ideológicos da língua e que aceita o exílio no interior das práticas discursivas majoritárias, formulando-se como estrangeiro na própria língua, gaguejando e deixando emergir o sotaque e o estranhamento de quem fala fora do lugar ou de quem aceita e assume o não-lugar como seu deserto, na impossibilidade de uma origem (DELEUZE e GUATARRI, 1977 p.63).

Preciso agora, pela lente de uma gestão menor, encontrar a minha própria percorrida. Nas leituras de Kafka (1977) feitas pelo escritor e teórico francês Maurice

Blanchot nas quais Deleuze e Guattari se inspiraram diretamente, esta renúncia se dá em primeiro lugar como uma passagem do “eu” ao “ele”. E a grande renúncia de estar acima. Eis que se apresenta o mais puro esgotamento de governar para além e aquém dos que ali fazem acontecer.

Creio que a experiência me permitiu a perda de uma crença de uma gestão maior, enraizada na produção: perdi minha certeza de gestora e os inúmeros indicadores que medem quem se é e qual o prazo de uma entrega. Agora se tratava de uma outra entrega, a que não se pode medir por desvios padrões, ao contrário, era propriamente desviada do padrão estabelecido, estatisticamente incomprovada, de uma lógica improvável.

Por certo, há nessa gestão menor um embaralhamento, uma miopia, como que parecendo um irreal, subvertendo o estado das coisas, que se origina no “fora”, no plano de imanência, que é só, mas carrega o tempo de uma multidão.

Para Deleuze (1992), em “O que é filosofia?” O plano de imanência é “como um corte do caos, e age como um crivo”. O que caracteriza o caos, com efeito, é menos a ausência e determinações do que a velocidade infinita com a qual elas se esboçam e desaparecem: não é um movimento de uma à outra, mas, ao contrário, a impossibilidade de uma relação entre duas determinações, uma vez que uma não aparece sem que a outra já tenha desaparecido.

O caos, por sua vez, não é um estado inerte, não é uma mistura ao acaso. O caos caotiza, e desfaz toda consistência no infinito. “O problema da filosofia é adquirir uma consistência sem perder o infinito no qual o pensamento mergulha (o caos, sob esse aspecto, tem uma existência tanto mental quanto física).”

A experiência é um momento inventado, uma gestão menor de si mesmo, quando se extinguem a gestora, a mãe, a irmã, a empregada, para dar lugar a um outro alguém, envolvido no agora, no tempo do acontecimento. É como ouvir falar de um conto e de repente ser o próprio conto. E sair contando.

Retomamos o compasso. Somos capazes de nos implicar nas interrogações dos carteiros, afinal atualizaram-se certas relações de poder, majoritariamente binárias: Chefe-empregado. Erro e acerto. Inclusão e exclusão. Aceitamos o que está por vir e começamos a última etapa do trabalho interno de um Centro de Distribuição Domiciliária, o ordenamento de correspondências. O grupo chama isso de encaixe. E se alguém encaixa alguma coisa fora do que era pra ser, isso é chamado de “pastel”. Entendo isso quando

ouço uma conversa entre dois colegas, um reclamava do outro e dizia que abrisse uma pastelaria.

Esse diálogo é a linguagem daquele espaço, daquele encontro e remonta a ideia de que realmente o trabalho da pesquisa se faz pelo mergulho daquele (eu) que (supostamente) conhece no mundo (meu) a ser conhecido (dos carteiros).

O desfecho das partes – O DEVIR CARTEIRO

Nietzsche, em *A vontade de poder* (2008, p. 358) ratifica a seguinte frase: “Devir entendido como algo que não tem estado final, não projeta uma identidade... Devir como um estado de variação”, ou seja, de fluidez constante, não havendo espaço para o fixo, o cristalizado, o estático. Assim essa disposição ao inacabado é a possibilidade da invenção de novas formas. O devir é capaz de estabelecer uma linha de aproximação com aquilo com o qual devimos, é uma dupla captura, na qual cada uma das formas que são aproximadas são simultaneamente arrastadas para longe de suas essências.

Deleuze e Guattari (1997), dizem que o devir é rizoma, é contágio e não se opõe a uma forma, não quer atingir a forma definitiva, nunca se conclui numa forma; nunca atinge, nunca concretiza a forma para qual tende. Se dissemos mulher, homem, animal, são formas; alianças efetivas com as políticas de identidade e gênero para a constituição dessas formas. Mas se dissemos devir-mulher, devir-animal, “são tendências de um ser que flui, constituindo com os outros alianças afetivas, as rizomáticas, que fazem sempre escapar das políticas de identidade”.

Krahe e Matos (2010) citam os possíveis devires: devir-animal, devir-mulher, devir-invisível, devir-molécula etc., são linhas de fuga que desfazem as essências e as significações em proveito de uma matéria mais intensiva onde se movimentam os afetos.

Ultrapassar um limiar atingir um continuum de intensidades que não valem mais do que por elas mesmas, encontrar um mundo de intensidades rizomáticas, onde todas as formas se desfazem em proveito de uma matéria não formada de fluxos desterritorializados, de signos significantes. (Deleuze e Guattari, 1997, p. 20).

O devir é algo menor, do que é pequeno, inacabado, é desvio. Não tem a ver com encontrar os fins, os limites, mas desconhecê-los. A partir dessa experiência escrita-escuta o devir-carteira estava atualizado e porque não dizer, percorrido.

Em Diálogos (1998) Deleuze cita que Nietzsche fez algo importante com o alemão, sendo um estrangeiro em sua própria língua. Ele diz que é na escritura mais lentamente trabalhada que se atinge essa velocidade absoluta, que não é um efeito, mas um produto. Velocidade da música, até mesmo a mais lenta. Será por acaso que a música conhece apenas linhas e não pontos? Não se pode fazer o balanço em música. Nada a não ser devires sem futuro nem passado. A música é uma antimemória. Ela é cheia de devires, devir-animal, devir-criança, devir-molecular.

Luis Fuganti em Pesquisar na Diferença (2012) avisa que para pensar o devir é preciso livrar-se de alguns contrassensos. O devir não denota insuficiência. Não se trata de ausência de ser ou de imitar o outro, reconhecer-se no outro, ou relacionar-se com o outro. É, sim, tornar-se diferente de si. É potência de mudar.

Pensar o devir implica experimentá-lo de modo diverso. Por isso somos sempre seres do meio, sem começo e sem fim, mas meio de externar a diferença, capaz de sermos distantes do que éramos.

Para Deleuze e Guattari (2007 p.68,) estes agenciamentos não estão dados, mas se compõem na experimentação do instante, nas estratégias inventivas, o que significa que, para empreender tal percurso basta o desejo, o qual não é uma qualidade dada a priori, ou inerente a um indivíduo determinado.

O sujeito se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo. O que se desenvolve é sujeito. Aí está o único conteúdo que se pode dar à ideia de subjetividade: a mediação, a transcendência. Porém, cabe observar que é duplo o movimento de desenvolver-se a si mesmo ou de devir outro: o sujeito se ultrapassa, o sujeito se reflete. (DELEUZE, 2001, p. 94)

Virginia Kastrup (2005) também encontra o conceito do devir e o discute como devir-consciente, proposto por Depraz, Varela e Vermersch (2003), à luz de uma experiência de rodas de poesia no contexto de um trabalho comunitário com mulheres de classes populares.

O tema do livro é o devir-consciente que, segundo os autores, tem lugar quando “algo que nos habitava de modo implícito, difuso e virtual vem a aparecer no campo da experiência de modo explícito, claro e atual”.

O devir-consciente é, para os autores, um problema, e eles apostam na necessidade da investigação daquilo que na cognição é mais um processo que um estado mental, dando

mais um passo para o esclarecimento de um processo sem sujeito, que as ciências cognitivas evidenciaram desde seu surgimento.

Os agenciamentos são passionais, são composições de desejo. O desejo nada tem a ver com uma determinação natural ou espontânea, só há desejo agenciando, agenciado, maquinado. A racionalidade, o rendimento de um agenciamento não existem sem as paixões que ele coloca em jogo, os desejos que o constituem, tanto quanto ele os constitui. (DELEUZE e GUATARRI, 1997, p.78).

E confesso, desejei ser carteira, agenciar meu corpo no percurso-percorrida e território daqueles que, por minha função devo fazer “render.” Quis fabricar um corpo que fosse capaz de integrar outras esferas que comando, mas ainda sem corpo capaz de agenciar. Agenciar com resistências e experimentações das minhas formas coercitivas de querer resultados, sem fazer resultados.

Sabem como é simples, um desejo? Dormir é um desejo. Passear é um desejo. Escutar música, ou então fazer música, ou então escrever, são desejos. Uma primavera, um inverno são desejos. Também a velhice é um desejo. Até mesmo a morte. O desejo nunca deve ser interpretado, é ele que experimenta. Há quem faça, então, objeções lamentáveis. Dizem que retomamos a um velho culto do prazer, a um princípio de prazer, ou a uma concepção da festa (a revolução será uma festa...). Dizemos totalmente o contrário. Só há desejo agenciado ou maquinado. Você não pode apreender ou conceber um desejo fora de um agenciamento determinado, sobre um plano que não preexiste, mas que deve, ele próprio, ser construído. (DELEUZE e PARNET, 1998).

Entendemos que cartografar sobre a percorrida era possível, ao empregar o corpo na busca concreta por entender a realidade do trabalhador onde esse eu gestora exige percorridas rápidas e resolutivas.

Ousamos não governar, mas nos lançamos na rua em U em L. Ou de A até o Z. O abecedário de carteira foi micropolítico:

(...) me meti, infiltrei e se infiltrou, na crítica das minhas imposições, autoritárias, por perceber que o carteiro se submete não as estratégias que mandava e exigia, mas pela afirmação de desejo misterioso que não pode ser totalmente controlado com planos de entrega sem sobras e sem resíduos, pois a Dona Aurélia, os cães, os porcos e galinhas, são a surpresa fora de ordem e que confundem e dão graça. Fazem com que os carteiros ironizem o “cumpra-se”, e não se submetam”. (A autora –2014 - Texto Nu Anexo 1)

Fingem, mesmo que cumprindo o plano de ação, pois a rua que agencia a percorrida e não a antiga postura de exigência de qualidade total. Andar na rua entregando oferece a todos os carteiros e à experiência uma pequena certeza: estar na rua aponta para a liberdade e ela se curva para a insubmissão.

Portanto, não somos mais tão submissas a ser governante e gestora. Continuaremos sendo, mas nosso horizonte agora encontra uma dobra. Que andem e tenham corpo para agenciar algum desejo. Esse horizonte certamente não vem mais das nossas estratégias tayloristas e não temos a inocência de cogitar que irão fazer, com mais empenho, porque “fui carteira pontualmente”.

Mas, para o desejo de gestora opera agora uma certa clandestinidade dentro do devir carteiro e do devir revolução. As regras prescritas, mesmo que alteradas por esta experiência em alguns aspectos, permanecem. Mas a Fernanda-gestora não permanece e insistirá em crer de forma inabalável que o agenciamento do carteiro é a rua.

"... um agenciamento comporta dois segmentos, um de conteúdo, outro de expressão. De um lado ele é *agenciamento maquínico* de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; de outro, *agenciamento coletivo de enunciação*, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas atribuindo-se aos corpos. Mas, segundo um eixo vertical orientado, o agenciamento tem ao mesmo tempo *lados territoriais ou reterritorializados*, que o estabilizam, e *pontas de desterritorialização* que o impelem." (DELEUZE e GUATARRI, 1997).

Algo presente e prescrito na Fernanda – gestora é o tempo de medição, quantas peças por minutos, quantas cartas triadas por hora, quantos quilômetros são percorridos por dia, quantas pessoas estão presentes ou ausentes no dia, e entrega no prazo.

Mas na atualização do devir carteira o tempo da percorrida não é mais o tempo cronológico das métricas da produção. O tempo quantitativo é uma perpetuação que se mede, é o tempo dos horários, dos ritos, dos hábitos, das prevalescências, enquanto o tempo dos acontecimentos é um tempo que se dilata, se transforma, propõe todas as conjugações temporais e ao mesmo tempo nenhuma.

Ah o acontecimento... a rua é o acontecimento do devir carteiro:

Então não se perguntará qual o sentido de um acontecimento: o acontecimento é o próprio sentido. “O acontecimento pertence essencialmente à linguagem, mantém uma relação essencial com a linguagem; mas a linguagem é o que se diz das coisas.” (DELEUZE, 2000, p. 34).

Em todo acontecimento, há de fato o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa, aquele que é designado quando se diz: pronto, chegou a hora; e o futuro e o passado do acontecimento só são julgados em função desse presente definitivo, do ponto de vista daquele que o encarna. Mas há, por outro lado, o futuro e o passado do acontecimento tomado em si mesmo, que esquiva todo presente porque está livre das limitações de um estado de coisas, sendo impessoal e pré-individual, neutro, nem geral nem particular (DELEUZE, 2000 P. 177-8).

Talvez seja por essa abordagem que Deleuze (2006) relacione o tempo com a loucura. Esse tempo seria um trem, contendo em seus vagões toda a multiplicidade de seus passageiros, num mesmo assento, num mesmo instante. As pessoas não teriam passado e futuro num histórico, é como se não tivessem nome e sobrenome, estariam se (re)inventando. Nesse trem não haveria cadência, mas uma constante produção de devires enquanto, ao mesmo tempo, se desloca e atravessa a linha do Cronos, bifurcando-o.

No Prólogo de *O Tempo Não-Reconciliado*, Peter Pál Pelbart (2004) contrapõe o filósofo ao cientista, dizendo que, ao primeiro, não se impõe uma única imagem de tempo, já que ele é capaz de admitir um tempo múltiplo, caótico e policrônico, bem como de afirmar a existência de todos os mundos possíveis em um mesmo mundo.

Borges (1999) refuta passado, presente e futuro, os três pilares do tempo que nega. Em *Nova Refutação do Tempo*, ele explicita que a negação do tempo é ambígua, podendo significar tanto a eternidade de Platão ou de Boécio, quanto os dilemas de Sexto Empírico, que nega o passado (que já foi), o futuro (que não é) e também o presente, já que este, paradoxalmente, não pode ser nem divisível (já que assim constaria de uma parte que foi e outra que não é), nem indivisível (pois assim estaria desvinculado do passado, seu princípio, e do futuro, seu fim, não podendo existir, pois não há meio onde não há início e fim).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos apropriarmos da escuta corpos, a partir de um silêncio imanente, encontramos o grito da convocação ao afeto: “Vem pra rua!”, escutar os passos da percorrida, desafiar o tempo do cronos e interceder na rotina do carteiro.

O que é preciso " é introduzir o desejo na produção e a produção no desejo" como diria Barenblitt.

Através da experimentação real da vivência, os métodos cartográficos foram protagonistas na conquista do entendimento. Esperava-se viver a caminhada do carteiro, da carteira, dos agentes, como um peixe que mergulha intensamente nas profundezas de um novo mundo: a gestora, agora carteira, mistura-se com o esquadro das ruas, um pouco insana, um pouco esquina.

Para tanto, é evidente que escrever essa experiência não foi o mesmo que relatar ou dar significado a um ato. Ao contrário, a escrita foi cartográfica, com diferentes conexões, como a um rizoma, que jamais cessa sua capacidade em uma unidade e que jamais se assegura em certezas.

Viver a rotina do carteiro trouxe-nos algumas reflexões diante do que fora proposto sobre habitar esse território, pensar a gestão menor e fazer valer o devir carteiro.

Para habitar o território dessa pele de carteiro, foi preciso desterritorializar-se a partir do heterogêneo, para criar multiplicidade. Deixar para trás o conhecido, aquilo que nos dá segurança, até mesmo nossas crenças. Sob aquele sol, na intensidade da entrega na rua, deixamos de lado o punhado de terra conhecida, o habitat dos gabinetes, dos escritórios, dos manuais e das falas infundáveis. Produzia-se ali uma outra gestora, subtraindo-lhe, por hora, o que lhe era reconhecido. Não se tratava de perguntar “quem sou” mas sim “para onde estou indo e o que sou capaz de me tornar?”

“O que pôde o meu corpo?” - a pergunta mais latente dessa transformação – enriquece o entendimento da máquina que trabalha para a produção. Quando as regras são ditadas e o trabalho é parametrizado, resgata-se toda a lógica esmagadora em que nossos corpos são inseridos na sociedade para a realização de determinado fim. Deleuze nos fala, no corpo sem órgãos que busca deixar a organização produtiva a que foi alocado para tornar-se uma realidade diferente da que fora ditada. O corpo sem órgãos odeia o adestramento.

A execução manualizada dos passos das ruas, do número de casas e trechos alocados é um adestramento que necessita urgentemente ser repensado. O carteiro pensa, sente e inventa a sua própria forma de dominar a rua e o mundo, ainda que seja o seu mundo.

É como se ele se tornasse improdutivo para ser inventivo, como o corpo sem órgãos que desafia a imposição a fim de sentir o fluido natural das coisas, sentindo-se vivo, capaz e audaciosamente intransigente ao instituído, sem necessariamente deixar de entregar o prazo, o tempo, o compromisso. Por isso está sem órgãos, porque repele a forma e quer ter potência de criação e de invenção.

A percorrida, então, quando desafia a finalidade que lhe foi imposta, traça outras possibilidades de caminho, a ponto de entregar a carta pelo cheiro, pelo vínculo com a rua, pelo sorriso das crianças descalças que esperam o carteiro, em rotas difusas, que parecem estranhas, mas são familiares ao urbano, ao real, ao humano. A caminhada ganha outro sentido, inexoravelmente inventivo, é uma dança, um drama, um palco.

A gestão desse espaço é realmente menor. A leitura de Kafka trouxe-nos uma abordagem compreensiva, referenciando esse “menor” à nano parte, que se encolhe não por ter menos relevância que o todo, mas por estar mais próxima do real. Quase uma partícula da verdadeira, e do que se pode chamar de ação.

Quando o carteiro encontra-se com a rua a imagem tradicional e regrada é de certa forma desconstruída, pois entra em ação essa gestão menor em que sujeito e objeto não se distinguem, mas interagem no que de fato acontecerá. É fictício ao extremo pensar que todo o método preconizado por uma gestão maior, hierárquica e oriunda do saber poder, será invariavelmente cumprido.

Ao contrário. A gestão menor propicia a micro realidade natural e necessária. Ao sair do campo gestora, extinguem-se os papéis de líder, mãe, empregada, estranha, mulher, para dar lugar a outro alguém, envolvido no agora, no tempo do acontecimento. É como ouvir falar de um conto e de repente ser o próprio conto.

Esses dispositivos, então, balizam o devir carteiro. Estar na rua, sentir aquele momento é uma experiência que conduz ao afastamento do mundo gestora e da relação dessa atitude, e agora conduz ao vir a ser carteiro, deixando-se ser afetada pela subjetividade.

O devir coloca as possibilidades em cheque quando nos implica a sairmos de nosso habitar normal e deixar para trás os pontos fixos. É como entregar-se à dança e levitar com

o corpo à entrega. Se houvesse uma comparação que descrevesse esse devir, poderia ser sobre o vento que não vemos mas podemos sentir e sabemos quando está em nós. O carteiro estava ali, encarnado, incorporado, misturando a entrega das cartas com a entrega do corpo. A cada passo desenvolvia-se o território desconhecido, mas ao mesmo tempo amplamente preconizado e manualizado!

O devir carteiro foi então êxtase e paradoxo. É como falar por anos e anos sobre a camiseta amarela e agora vestir essa camiseta e pensar em tantas outras cores. Era o poder de afetar e ser afetado. Paradoxo porque a gestão dos escritórios e das reuniões e das metas também estava ali, (in)tensionando o campo de forças. Era preciso entregar tudo, voltar sem o resto, sem ter cartas não entregues por falta de destinatários ou por falta de tempo. Ou por falta de números, de calçadas, por falta da rua ser também carteiro.

A partir de então grandes reflexões se assolam no desenvolver daquela percorrida, como novos pontos de partida: de quem é esse resto de cartas não entregues?

É do corpo de órgãos hierárquicos, de quem responde o relatório, de quem explica de fora o que acontece na rua?

O resto é do carteiro e de seu distrito postal, da sua caminhada que repentinamente não encontrou mais casas e sim casebres, que pisou na terra e na areia ao invés das calçadas?

O resto é do agente carteiro que rompe a regra imposta e traz consigo o personagem escrivão de Bartleby (“eu preferiria não!”)?

Talvez o resto fosse do destinatário que mudou seu endereço porque não queria mais que o gerente daquele banco o encontrasse.

É possível que o resto seja do gestor da Unidade e das suas práticas de gestão isoladas e individualistas.

Ou seria o resto pertencente ao técnico que mediu as ruas em “U” e “L” e agora não saberia explicar os porcos, as galinhas e a vida nua dos becos e das esquinas misteriosas e dos seus torturadores cães à espera de uma canela?

O resto poderia ser do medo que caminha lado a lado à percorrida, medo do escuro, da violência, da doença pelo esforço repetitivo.

Finalmente, uma voz ecoa nessa reflexão: O resto é da rua! O grande acionista desse investimento. A rua somos todos nós. E a rua abraça esses dispositivos, como a conchamar: “entreguem minhas correspondências, mas terão que passar por aqui por acolá e engendrar toda a minha realidade e a partir dela construir suas percorridas. Entreguem

minhas encomendas e meus postais, levem e tragam minhas notícias, façam chegar as contas e os telegramas de alegria, os pedidos de casamento e as mensagens de paz e de um ano melhor.”.

A rua também tem corpo e pode acolher melhor esses passos tão rápidos que a atravessam e deixam no ar um quê de agilidade e de grande entrega! O que teria o carteiro a dizer para rua sobre as correspondências não entregues?

Chegando ao fim do trabalho, a percorrida, o território, a gestão menor e o devir carteiro não são pontos de chegada capazes de concluir um destino. O eco das indagações se transforma em novos pontos de partida. Ao ser carteiro e viver a potência desse acontecimento, houve aqui, com certeza, as multiplicidades rizomáticas que os platôs da filosofia da diferença e da análise institucional trazem. Não foi possível concluir totalmente esse contexto, porque não há textos binários do não e do sim, do começar e terminar, mas um vasto espaço do que vem a ser.

As métricas da percorrida, as metas, o número final do que será entregue e do que vai ser resto nunca vão terminar e não houve essa pretensão quando nos propusemos a essa escrita-escuta. Os números e as planilhas sempre acontecerão e pousarão no berço e na lógica do contemporâneo mundo trabalho (nem tão contemporâneo assim).

A própria administração e seu toyotismo, já superando as amarras tão cruas do taylorismo, trazem a concepção de acompanhar os processos produtivos no *gemba* – lugar onde as coisas acontecem. Ir ao *gemba* é mais do que um ritual, é uma atitude. Serve para facilitar o entendimento de uma situação, qualquer que seja ela.

Portanto, o grande aprendizado de ir ao *gemba* e “percorrer” a situação e experiência de ser carteiro é justamente construir a ponte sempre tão efêmera entre quem faz e quem idealiza o trabalho. Eis aí o analisador instituinte, capaz de abrir fendas importantes nos grandes muros da gestão.

Não poderemos esquecer que toda a gestão, como bem lembra Neves, sempre terá a ordem do paradoxo. Mas é importante pensar o trabalho, do carteiro – por exemplo, a partir da gestão menor e do que acontece dentro e não a partir do “fora”. Sempre haverá uma micropolítica na atuação própria do carteiro. O grande desafio dessa cena é buscar um elo que possa dar sentido a essa gestão maior quando por alguma razão ela possa vincular-se em objetivos à gestão menor. E o contrário também vale.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAREMBLITT, G.. **Compêndio de Análise Institucional**. Rio de Janeiro: 3ª ed., Rosa dos Tempos, 1996.

BORGES, J. L. “A Nova Refutação do Tempo.” In: Outras Inquisições. Obras Completas, Vol. II, São Paulo, Globo, 1999.

COSTA, Luciano Bedin. O RITORNELO EM DELEUZE-GUATTARI E AS TRÊS ÉTICAS POSSÍVEIS Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/005e2.pdf>, acesso em 09/11/2014.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil platôs 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Giles e PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo, Ed Escuta. 1998

DELEUZE, Gilles. O abecedário de Gilles Deleuze. Entrevista com G. Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min.

_____. O que é a filosofia? São Paulo, Ed. 34,1992.

_____. Por uma literatura menor. RJ, Imago, 1977.

_____. Diálogos. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

_____. Lógica do sentido, São Paulo, Perspectiva, 2000.

_____. Kafka: por uma literatura menor. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci. Pesquisar na Diferença. Porto Alegre, Sulina, 2012.

FONSECA, Tania Mara Galli; ARANTES, Esther Maria de M. Cartas a Foucault. Porto Alegre, Sulina, 2014.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade. Vol. 2: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

_____. Microfísica do poder. 11 ed., Rio: Graal, 1993.

Grupo Krisis. Manifesto contra o trabalho. São Paulo: Conrad Editora do Brasil (Coleção Baderna). 2003.

KRAHEI, Inês Bueno; MATOS, Sônia Regina da Luz. **Devir Mulher como diferença**. In: Congresso Internacional de Filosofia e Educação, n V, 2010, Caxias do Sul, RS, Brasil.

KASTRUPP, Virginia. **O devir-consciente em rodas de poesia** in Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 17 - n. 2, p. 45-60, Jul./Dez. 2005.

NEVES, José Mario D'Avila. **O Trabalho na perspectiva da atividade: dos Paradoxos da Gestão à Gestão Paradoxal**. [Tese de Doutorado em Psicologia]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS. Porto Alegre. 2014.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do Método da cartografia**. Porto Alegre, Sulina, 2012.

PELBART, P. **O Tempo Não-Reconciliado. Imagens do Tempo em Deleuze**. São Paulo, Perspectiva, 2004.

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. **As práticas de uma língua menor: reflexões sobre um tema de Deleuze e Guatarri**. In: Ipotesi, revista de estudos literários Juiz de Fora, v. 5, n. 2 p. 59 a 70. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/12/As-pr%C3%A1ticas-de-uma.pdf> acesso em Setembro de 2014.

QUEIROZ, André. **FOCAULT, o paradoxo das passagens**. Pazulin, 1999.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios Sobre a Subjetividade Contemporânea**. Estação Liberdade, 2001.

ANEXO 1 - Diário de bordo – O texto nu do devir carteiro.

Essa escrita não tem o objetivo de ser uma teoria, não se apropria do saber fazer, é na verdade, uma escrita – escuta. Escutar o fazer da operação de Correios, em uma Unidade Operacional, a partir da atividade de carteiro, tendo como experimento e pesquisa o meu próprio corpo.

É, portanto, um saber sentir, um campo a explorar.

E sigo. É um sábado quente dos idos de Outubro, e tenho como atividade e campo de pesquisa, a entrega domiciliária de objetos nas residências de Gravataí.

É uma tarefa e tanto. Apresento-me na Unidade antes do início das atividades e percebo a inquietude do grupo. As implicações daquele momento aflorando no sossegar de cada um. Por quê? Com que intenções?

Havia ali uma pequena experiência foucaultiana. Como não pensar nas relações de poder estabelecidas no funcionamento da gestão e do grupo de subordinados. Pela posição que ocupo nessa organização, a preocupação latente nas manifestações das pessoas era de que meu ato seria um ato de vigiar (e punir) o que não estivesse vinculado ao padrão. Percebo-me fazendo essa análise. Foucault vai pensar o poder como relação de forças imanentes materializadas em práticas, técnicas e disciplinas, diversas e dispersas, presentes em todo o campo social, envolvendo igualmente dominadores e dominados. Assim, o aspecto privilegiado pelo pensador em sua análise se concentra não no poder, mas nos efeitos da relação saber/poder relativos ao modo individualizante de subjetivação.

Tento não me incomodar e sigo. Estou no movimento de execução, de entrar na atividade, não penso no como. Creio piamente que vou conseguir.

A primeira etapa de ser carteiro é trabalhar internamente na Unidade. Há uma separação lógica das direções a serem manipuladas, a partir do CEP de cada rua. Penso na rua, na sua construção no que cada um daqueles logradouros deve ter. A construção de cada casa que espera ansiosa por sua conta, por sua compra. Ah sim... a casa não espera por notícias. Não se usa mais o Correio para isso.

Trabalho silenciosa e ouço ao meu lado as provocações, verbais, expressas, ditas como se fosse essa carta. Não as valorizo, como que num ato de neutralizar o desconforto que agora era imenso. “Não quero mais, onde eu aperto pra poder parar?” são meus irônicos pensamentos tomando conta de mim.

Retomo meu compasso. Sou capaz de neutralizar as provocações, afinal estabeleceram-se nelas as relações marxistas, sempre dialéticas, separatistas, identitárias. Sorrio e aceito o que está por vir e começo a última etapa do trabalho interno de um Centro de Distribuição Domiciliária, o ordenamento de correspondências. O grupo chama isso de encaixe. E se alguém encaixa alguma coisa fora do que era pra ser, isso é chamado de “pastel”. Entendo isso quando ouço uma conversa entre dois colegas, um reclamava do outro e dizia que abrisse uma pastelaria.

Minha cabeça dá voltas e me lembro das aulas da clínica da atividade. Isso faz um enorme sentido.

Recebo a minha bolsa para sair para a entrega. Preciso pesá-la e me assusto um pouco ao pensar sobre há quanto tempo eu não sentia um peso assim. Está tudo organizado, em “amarrados” para que eu possa começar a entregar as correspondências desde a primeira rua. Há uma ordem para essa lógica, de forma que cada pilha de

correspondências esteja de acordo com a disposição da rua e – pasmem– a partir daí posso caminhar no sentido da rua, de maneira a ter o menor tempo possível de caminhada. Há um parâmetro para ruas, é preciso percorrê-las no sentido “L” ou “U”.

Então, logo entendo que a caminhada não é livre. Não sigo arbitrariamente pela rua. Há um *modus operandi* definido. Entendi então a expressão antiga dos Correios “vai que as cartas te levam”. Levam mesmo. Não há muito o que pensar, a ordem exposta em minhas mãos já era a ordem da rua, das casas, quando me via, já estava dobrando as esquinas.

O sol está quente e sigo a percorrida, termo técnico para explicar o tempo que um carteiro anda pela rua. As casas, nessa parte do distrito (outro termo técnico) estão com a numeração adequada e a rua é asfaltada, vou entregando cada correspondência nas caixas suspensas em portões e grades.

Há uma pequena sensação de domínio da situação. Estou conseguindo. Cada etapa que venço me dá a certeza de que aos poucos, cada parte de mim é um carteiro naquela hora.

A rua termina e há poucas cartas em minhas mãos. Como de “costume” ergui o braço para colocar as cartas na caixinha e simultaneamente um enorme cachorro pula em meu antebraço. Essa cena seria mais comum do que eu poderia supor. As caixas de correspondências são colocadas exatamente na altura do salto de um cão. Isso também parece um trabalho padronizado.

Medo, muito medo. Paraliso. Eu não vou conseguir. Tento de novo, o cão é enorme, voraz. Se ele falasse me expulsaria de seu território. Penso na noção de território. Há adrenalina no meu corpo e depois aprendi que é pelo cheiro dela e do movimento que os cachorros se atraem tanto pelos carteiros e os mordem.

Não foi o meu caso. Que me desculpem os moradores dessa rua, nessa casa. Ficaram sem suas contas, faturas, propagandas. Foi demais pra mim.

Frustrada, ando em círculos sem saber se volto à casa, se mudo de empresa, penso no que vou dizer ao supervisor da Unidade sobre os cachorros. Pensei nos colegas que me provocaram de manhã. Ririam de minha angústia, não consegui neutralizar isso.

Segui. Coração nas mãos. Entrei em outra rua, minhas pernas tremiam. Agora os cães não estavam nos pátios e na altura das caixinhas. Estavam na rua, nas calçadas. Havia também galinhas, porcos, poeira, menos calçamento. Crianças descalças sorriam pra mim e assustadas diziam aos irmãos maiores que o carteiro da rua agora era uma mulher. Sorri sem saber o que aquela fala representava.

As casas dessa “rua” não tinham números, nem caixinhas e nem portões. Não era “L” ou “U”. Talvez fosse uma letra que não estava no alfabeto, pelo menos não no meu. Minha obstinação era maior que meu desconforto do calor, do suor, a camiseta amarela, a bolsa, um corpo em movimento retilíneo desuniforme.

Na última casa dessa rua, alguém me disse: “Tá procurando a Dona Aurora?” Pode deixar, eu entrego!”“. Consultei meu oráculo de gestão, não havia aprendido a separar as cartas pelo nome do destinatário e também sabia que aquilo seria uma “entrega indevida”. Gargalhei ao tempo que aquele alguém não entendeu nada, deve ter me achado uma louca. E havia mesmo uma insanidade naquilo tudo. Entreguei as correspondências da Dona Aurora. Nunca reclamaram a minha entrega indevida.

Voltei pra Unidade, exausta. Minha noção de “campo” se confirmava. Não havia dados estatísticos para apresentar. Havia um deslocamento do meu habitual. Um dispositivo/analizador? Acho que sim.

Rompí com algumas dicotomias. Uma produção imensa começou a operar nos meus sentidos.

Em casa, de banho tomado, caí na cama. Quando fechei os olhos... minha mente, os cachorros, a Dona Aurora, a vida que segue, as ruas de alfabetos inacreditáveis, as famílias, a subjetividade, o sono, o sonho, o que nunca mais foi igual.